

O fim último do homem segundo Tomás de Aquino

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.
Bacharel-Licenciado e Pós-Graduando em
Filosofia Pela Universidade Federal de Mato
Grosso. E-mail: saviolaet@filosofante.org

Introdução

O texto versa acerca do fim último do homem na perspectiva de Tomás. Ele começará por estabelecer a necessidade de um fim último para todas as coisas, máxime para a vida humana. Em seguida, investigará qual é este fim último. Nesta investigação, procederá da seguinte forma. Num primeiro momento, tentará descartar aquilo em que não pode consistir o fim último do homem. Procurará, destarte, mostrar como o fim último do homem não pode estar: nem nos bens do corpo, nem nos bens da alma. Em uma palavra, estabelece que o fim último do homem não pode ser o próprio homem. Argumentará, ademais, que assim é, porque destes bens, nem os relativos ao corpo, nem os relativos à alma, podem aquietar a aspiração da vontade, que tende para um bem perfeito e universal. Assim sendo, tentaremos colocar que o fim último do homem só pode ser Deus.

Posteriormente, prosseguiremos na tentativa de assinalar em que consiste este fim último do homem, que já sabemos ser Deus. Nesta perquirição, procuraremos mostrar que a beatitude humana consiste na visão da essência divina. Em seguida, buscaremos ponderar que o fim último do homem reside, primordialmente, num ato do intelecto, o qual é seguido pela vontade. Como este intelecto se divide, quanto às suas operações, em intelecto especulativo e prático, analisando ambas as funções, tentamos demonstrar que a beatitude perfeita só pode consistir num ato do intelecto especulativo.

Passaremos a distinguir a noção de beatitude imperfeita e de beatitude perfeita. A beatitude imperfeita é aquela que reside na contemplação dos objetos concernentes às ciências especulativas e a beatitude perfeita consiste na contemplação da essência divina. Acentuaremos, ademais, que, por ser a beatitude perfeita algo sobrenatural, ela não pode ser lograda nesta vida, nem sem a assunção da graça. Contudo, faremos notar também, que o

caráter sobrenatural deste fim último não se opõe à natureza e nem à beatitude imperfeita que podemos alcançar nesta vida; pelo contrário, a beatitude imperfeita não é senão uma participação naquela beatitude perfeita. Por fim, salientaremos que, conquanto a contemplação da essência divina consista, essencialmente, num ato do intelecto especulativo, a felicidade perfeita envolve o homem todo: corpo e alma.

Em nossa exposição, teremos dois textos básicos: a *Summa Theologiae* de Tomás, na sua mais recente tradução brasileira – empresa de fôlego das *Edições Loyola* –, que resultou no aparecimento de nove volumes, entre os anos de 2001 a 2006, e o clássico *Le Thomisme* (1919) de Étienne Gilson, o qual frequentaremos na sua *versão castelhana* (1951) – única autorizada do original francês – por Alberto Oteiza Quirino: *El Tomismo: Introducción a La Filosofía de Santo Tomás de Aquino*.

Passemos a estabelecer a necessidade de um fim último para todas as coisas.

1. Representar a Deus: fim último de todas as coisas

A integridade das criaturas procede de uma só causa e tende para um só fim. Isto significa que a causa e o fim de todas as coisas, da pedra que cai, da chama que se eleva, dos céus que se movimentam, dos homens que querem, são um só. Como todo efeito tenta se assemelhar à sua causa, e a própria causa tende a produzir o que lhe é semelhante, assim todas as coisas tendem a representar a Deus, que é causa primeira e fim último de tudo.¹

Não obstante, cada coisa possui uma essência específica e dado que o agir segue o ser², cada espécie possuirá, de acordo com o seu ser, um modo peculiar de realizar o fim comum de todas elas, que é representar a Deus, pois o modo de agir segue o modo de ser³. O homem, objeto deste estudo, é um animal racional, ou seja, o que o especifica enquanto tal é a sua razão, e a atividade própria da razão é o conhecimento: “Intelligere autem est própria

¹ GILSON, Etienne. **El Tomismo: Introducción a La Filosofía de Santo Tomás de Aquino**. Trad. Alberto Oteiza Quirino. Buenos Aires: Ediciones Desclée de Brouwer, 1951. p. 491: “A ordem integral das criaturas deriva de uma só causa e tende para um só fim. Por conseguinte, podemos esperar que o princípio regulador das ações morais seja idêntico às das leis físicas; a causa profunda que faz que a pedra caia, que a chama se eleve, que os céus girem e que todos os homens queiram, é a mesma; cada um destes seres não age senão para lograr, por suas operações, a perfeição que lhes é própria e realizar com ela seu fim, que é representar a Deus.”

² TOMÁS DE AQUINO. **Suma Contra os Gentios**. Trad. D. Odilão Moura e Ludgero Jaspers. Rev. Luis A. De Boni. Porto Alegre: EDPUCRS, 1996. 2 v. III, LXIX, 10(2450): “[...] o agir segue o ser em ato [...]”.

³ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. Trad. Aimom - Marie Roguet et al. São Paulo: Loyola, 2001. I, 89, 1, C: “[...] o modo de agir de toda coisa é uma consequência de seu modo de existir.”

operatio substantiae intellectualis”⁴. Ora, todo conhecimento é uma forma de assimilação: “[...] Omnis autem cognitio perficitur per assilationem cognoscentis ad rem cognitam ”⁵. Destarte, o homem é capaz não somente de tender para o seu fim, mas de alcançá-lo, conhecendo-o. Logo, o modo pelo qual o homem realizará o fim último comum a todas as coisas, a saber, assemelhar-se a Deus, será conhecendo-O pelo seu intelecto. “[...] Intelligendo igitur pertingit intellectus humanus ad Deum sicut ad finem”⁶.

Passemos a estabelecer como chegamos a Deus enquanto fim último do homem.

2. A necessidade de se estabelecer um fim último para a vida humana

Sabemos que todo agente age em vista de um fim. O homem, como ser racional e voluntário, age sempre em vista de um fim que previamente conhece e que lhe especifica a ação. Para além dos fins particulares, que determinam as ações particulares do homem, há que se estabelecer um fim último para o mesmo. Com efeito, os fins estão ligados por um nexo causal eficiente que lhes é essencial, ou seja, um fim é causa do outro e assim por diante. Deste modo, como na série dos moventes e movidos não se pode regredir indefinidamente, posto que, não havendo um primeiro móvel, tampouco haveria os demais, assim também na ordem dos fins é preciso dizer que há um fim último ou um móvel primeiro, sob pena de que, “Se não houve o primeiro nas coisas que são para o fim, ninguém começaria a agir, nenhuma resolução alcançaria o termo, e se iria ao infinito”⁷.

Como o primeiro móvel é causa de todos os demais, analogamente o fim último é o fim pelo qual todos os demais são queridos. De sorte que tudo o que o homem quer e deseja, quer e deseja em vista deste fim último. Tal como os motores segundos não existiriam sem o influxo do primeiro motor, do mesmo modo, sem o fim último, não existiria nenhum dos

⁴ *Idem. Ibidem.* III, XXI, 2, [2057]: “Ora, a inteligência é a operação própria da substância intelectual [...]”.

⁵ TOMÁS DE AQUINO. **Questões Disputadas Sobre a Verdade.** I, 1, C, In: LAUAND, Luiz Jean; SPROVIERO, Mario Bruno. **Verdade e Conhecimento.** Trad. Luiz Jean Lauand e Mario Bruno Sproviero. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 149: “Pois todo conhecimento realiza-se pela assimilação do cognoscente à coisa conhecida [...]”.

⁶ *Idem. Suma Contra os Gentios.* III, XXV, 3 [2059]: “[...] Pela inteligência o intelecto humano atinge Deus como fim”. Vide: *Idem. Ibidem.* III, XXI, 1 [3055]: “Mas as criaturas intelectuais atingem a Deus de modo mais especial, a saber, conhecendo-o pela operação que lhes é própria. Donde ser necessário que o fim da criatura intelectual seja conhecer a Deus pela inteligência.”

⁷ *Idem. Suma Teológica.* I-II, 1, 4, C.

demais fins, visto que o apetite só se inclina para eles na medida em que eles próprios se ordenam ao fim último. E' o que conclui Tomás:

É evidente, pois, que as causas segundas motoras não movem a não ser quando são movidas pelo primeiro motor. Conseqüentemente, as coisas desejadas em segundo lugar não movem o apetite, senão em ordem ao primeiro desejado, que é o fim último.⁸

Fica estabelecido que há um fim último para o homem e que este fim último é o primeiro objeto a ser apeteido por ele, vale dizer, o primeiro desejável à sua vontade. Além disso, torna-se patente que o primeiro objeto da vontade do homem é aquele pelo qual todos os demais se tornam desejáveis para ele.

3. Qual é o fim último do homem?

Resta verificarmos qual seja este fim. Já sabemos, de antemão, que é Deus, mas como chegamos a esta conclusão? O que faz de Deus o fim último do homem? Com outras palavras, por que Deus é o fim último do homem?

A primeira coisa a se considerar nesta matéria é que o fim último do homem não pode ser imanente ao homem. Para constatarmos isto, urge que analisemos o ser do homem: corpo e a alma.

E' claro que o fim último do homem, pressuposto fundante de todos os seus desejos, não pode consistir nos bens do corpo, nem na sua conservação. Apenas a título de postulado, consideremos que o fim último do homem, que deve consistir no bem da sua razão, fosse a sua própria conservação. Ora, ainda sob esta perspectiva, a conservação do corpo não seria o bem supremo do homem. Vale lembrar que, mesmo sendo o homem uma substância composta de corpo e alma racional, e que o seu corpo dependa da sua alma, o inverso não é verdadeiro, pois a alma racional pode subsistir sem o corpo. Em outras palavras, se formos estabelecer uma hierarquia, temos que reconhecer que o corpo existe para a alma, assim como a matéria para a forma ou a potência para o ato. Desta forma, mister é que todos os bens corpóreos se ordenem aos bens da alma. Logo, de nenhuma maneira se pode dizer que a bem-

⁸ *Idem. Ibidem.* I-II, 1, 6, C.

aventurança do homem reside em algum bem corporal, sob pena de pervertermos a ordem das coisas, fazendo que a perfeição do superior esteja no inferior.⁹

Consistiria o fim último do homem nos bens referentes à alma? Se quisermos responder a este questionamento de forma correta, devemos analisar a própria natureza da alma humana, no que toca à sua atividade mais específica, o conhecimento. Tomada em si mesma, a alma humana é pura potência, tábula rasa. Sua ciência, bem como suas virtudes, precisam ser adquiridas, passar da potência ao ato. Ora, tudo aquilo que está em potência para um ato, existe em razão deste ato e está em relação a este ato como o incompleto para o completo, o imperfeito para o perfeito. Isto significa que, na hierarquia dos bens, a alma não se apresenta como um bem supremo, pois, em si mesma, ela existe em potência para outra coisa. Por isso, a alma não encontrar em si mesma o seu fim último.¹⁰

Outra consideração que torna ainda mais evidente que a alma não é o seu fim último é a própria natureza deste fim último. O fim último do homem precisa ser um bem perfeito, que satisfaça totalmente o seu apetite. Ora, conforme já dissemos, é somente o bem universal que pode satisfazer a vontade completamente. Agora bem, a alma humana é finita. Assim, os bens inerentes a ela só podem ser bens finitos e participados. Desta maneira, é impossível que o último fim do homem seja os bens inerentes à alma.¹¹

Na verdade, tudo o que é criado é finito e participado. De modo que nenhum deles pode aquietar o desejo da vontade humana, cujo objeto próprio é o bem universal. Sendo assim, o fim último do ser humano não pode estar em algum bem criado, pois nenhum deles tem razão de último fim, uma vez que nenhum deles aquietar a vontade totalmente. Destarte, o fim último do homem só pode consistir naquele fim último universal, que é o fim de todos os fins e o bem fonte de todos os bens. Em uma palavra, Deus, causa primeira e fim último de todas as coisas, é o fim último do homem. Por conseguinte, conhecer a Deus é a beatitude do homem. O bem da razão está acima da razão, já que está no conhecimento de um objeto que lhe transcende infinitamente. E' o que conclui Tomás:

⁹ *Idem. Ibidem.* I-II, 2, 5, C: “Ora, o ser do homem consiste na alma e no corpo, e, embora o ser do corpo dependa da alma, o ser da alma humana não depende do corpo, como acima foi dito. O corpo existe para a alma, como a matéria para a forma, como o instrumental para o motor, para que por ela exerça suas ações. Conseqüentemente, todos os bens do corpo se ordenam para os da alma, como para o fim. Logo, é impossível que a bem-aventurança, que é o fim último do homem, consista nos bens do corpo.”

¹⁰ *Idem. Ibidem.* I-II, 2, 7, C: “Pois, a alma, considerada em si mesma, existe como em potência: passa de potência de saber a ato de saber, e da potência virtuosa a ato virtuoso. Todavia, como a potência está para o ato como para seu complemento, é impossível que aquilo que em si mesmo existe em potência tenha a razão de último fim. Logo, é impossível que a alma seja o último fim de si mesma.”

¹¹ *Idem. Ibidem:* “Com efeito, o bem que é último fim é o bem perfeito que satisfaz o apetite. O apetite humano que é a vontade, tem como objeto o bem universal. Ora, qualquer bem inerente à alma é um bem participado e, por isso, um bem particularizado. Logo, é impossível que algum desses bens seja o último fim do homem.”

A bem-aventurança é um bem perfeito, que totalmente aquieta o desejo, pois não seria o último fim, se ficasse algo para desejar. O objeto da vontade, que é o apetite humano, é o bem universal, como o objeto do intelecto é a verdade universal. Disto fica claro que nenhuma coisa pode aquietar a vontade do homem, senão o bem universal. Mas tal não se encontra em bem criado algum, a não ser só em Deus, porque toda criatura tem bondade participada. Por isso, só Deus pode satisfazer plenamente a vontade humana [...]. Conseqüentemente, só em Deus consiste a bem-aventurança do homem.¹²

4. *Em que consiste o fim último do homem?*

Falta apenas arguir em que consiste este conhecimento humano de Deus, que é onde reside a beatitude humana. A primeira discriminação a ser feita são os dois sentidos em que pode ser entendido o termo “fim”. Num primeiro, o fim pode ser entendido como um objeto a ser adquirido, objeto do nosso desejo. Num segundo sentido, o fim pode ser considerado sob o ponto de vista da sua aquisição por parte do agente, que nele repousa e se deleita. Ao tomarmos o termo “fim” no seu primeiro aspecto, já lhe discernimos a natureza: trata-se de um bem incriado ao qual chamamos Deus que, por sua infinita bondade, é o único que pode saciar o apetite humano. Se abordarmos a questão do fim, partindo do seu segundo sentido, devemos dizer que ele é um bem criado. Então, conquanto em si mesmo o Soberano Bem seja incriado, o gozo e a posse que o homem pode ter dele, é criado.¹³

Além disso, podemos acrescentar que, residindo a bem-aventurança do homem na posse do seu fim último, tal posse, que é a perfeição última do homem, deve consistir num ato, já que o ato diz respeito à perfeição, enquanto a potência refere-se à imperfeição. Aliás, a bem-aventurança, por ser o fim último do homem, deve consistir também no seu ato último, qual seja, aquele no qual o homem repousa a sua vontade no bem supremo.¹⁴

¹² *Idem. Ibidem.* I-II, 2, 8, C.

¹³ *Idem. Ibidem.* I-II, 3, 1, C: “Como acima foi dito, o fim se entende de duas maneiras. De um modo, ele é a coisa que desejamos conseguir [...]. De outro modo, ele é a aquisição ou posse, ou o uso, ou o gozo da coisa desejada [...]. Logo, conforme o primeiro modo, o último fim do homem é o bem incriado, isto é, Deus, pois só Deus pela sua infinita bondade pode perfeitamente satisfazer a vontade do homem. Pelo segundo modo, o último fim do homem é algo criado, existente nele mesmo, e outra coisa não é que a posse ou o gozo do último fim.”

¹⁴ *Idem. Ibidem.* I-II, 3, 2, C: “Sendo a bem-aventurança do homem algo criado nele existente, é necessário afirmar que ela é ação. É a bem-aventurança, ademais, a última perfeição do homem. Cada coisa é perfeita enquanto é ato, pois a potência é imperfeita, sem ato. É necessário, pois, que a bem-aventurança consista no último ato do homem.”

Ademais, segundo também já estabelecemos, este ato no qual o homem realiza o seu fim último não se encontra na parte sensitiva da sua alma, mas naquilo que lhe é superior e que o especifica enquanto homem, a saber, na sua faculdade racional. Agora bem, a faculdade racional do homem diz respeito ao seu intelecto e à sua vontade. Importa salientar, no seio mesmo desta bem-aventurança, o que constitui a sua essência e o que lhe agrega como acidente. Os dois modos de entender o termo “fim” aplicam-se à bem-aventurança. A bem-aventurança pode ser entendida, num primeiro sentido, como aquilo que a vontade deseja. Numa segunda aceção, ela pode ser compreendida como o fim possuído pela vontade gozosa. Ora, para que algo seja desejável, precisa antes ser conhecido. Antes de tudo, a bem-aventurança é desejada como um fim presente ao intelecto que a conhece, mas ausente à vontade que a deseja. Só depois ela torna-se presente à vontade, que nela se deleita. Destarte, a bem-aventurança é um bem possuído, antes de qualquer coisa, por um ato do intelecto. Só depois, e como por consequência, se segue o ato da vontade, que adere a ela e nela se deleita e repousa. Sendo assim, a bem-aventurança não consiste, essencialmente, num ato voluntário, mas num ato do intelecto que precede e condiciona o próprio ato voluntário. Expliquemo-nos. À vontade, de per si, cabe tender a um bem ausente e deleitar-se naquele que está presente. Não é da essência da vontade a apreensão do bem ou do fim, mas apenas o tender para ele, quando ausente, e o deleitar-se nele, quando presente. Ora, no caso do fim último do homem, ela deleita-se num bem que já se encontra presente, posto que já apreendido anteriormente pelo intelecto. Arrazoa Tomás:

Se a aquisição do dinheiro fosse por um ato da vontade, imediatamente aquele que o quer de início o conseguiria, assim que o quisesse possuir. Mas no princípio o dinheiro lhe está ausente, pois só o consegue quando a mão o apreende, ou de outra maneira. Então deleita-se com o dinheiro possuído. Assim também acontece com o fim inteligível. No princípio queremos o fim inteligível. Conseguimo-lo mediante o ato do intelecto que o faz presente. Em seguida, a vontade gozosa descansa no fim já possuído. Assim, pois, a essência da bem-aventurança consiste em ato da inteligência. Pertence, porém, à vontade o prazer consequente à bem-aventurança, segundo diz Agostinho: “A bem-aventurança é o gozo da verdade”, porque o mesmo gozo é a consumação da bem-aventurança.¹⁵

Podemos concluir que a aquisição da bem-aventurança pelo homem deve residir na apreensão do Bem Soberano e esta apreensão consiste num ato do intelecto. Mas o intelecto

¹⁵ *Idem. Ibidem.* I-II, 3, 4, C

humano se divide em intelecto especulativo e intelecto prático. Sendo a bem-aventurança a ação que realiza a perfeição última do homem, ela deve ser a melhor ação enquanto incide sobre o melhor objeto. Ora, o melhor ato do intelecto humano consiste naquele no qual ele apreende a essência da coisa, sendo a perfeição máxima desta ação a apreensão da essência divina. Por isso mesmo, a forma mais perfeita de o homem apreender o Bem Perfeito é apreendo-lhe a essência. Mas o ato pelo qual o intelecto apreende a essência de uma coisa é um ato do intelecto especulativo. Portanto, o ato no qual se realiza a bem-aventurança do homem deve ser um ato do intelecto especulativo, e isto significa que a bem-aventurança consiste, essencialmente, num ato de contemplação. Tomás explica assim:

[...] Se a bem-aventurança do homem é ação, ela deve ser a sua melhor ação. Ora, a melhor ação do homem é aquela que é da melhor potência a respeito do melhor objeto. Ora, a melhor potência é o intelecto cujo melhor objeto é o bem divino, e este não é objeto do intelecto prático, mas, do intelecto especulativo. Por isso, em tal ação, isto é, na contemplação das coisas divinas, consiste sobretudo a bem-aventurança.¹⁶

Diríamos, então, que a bem-aventurança consiste na contemplação das coisas referentes às ciências especulativas? Para responder com exatidão a esta questão, é preciso distinguir, sem separar, duas bem-aventuranças: a perfeita e a imperfeita. A perfeita é aquela que realiza de forma plena a definição de bem-aventurança, qual seja, a apreensão da essência do Bem supremo. A imperfeita diz respeito não na posse da essência do Bem soberano, mas na apreensão de coisas que se lhe assemelham. As ciências especulativas estão fundadas em certos princípios dos quais o homem deduz todas as suas conclusões. Estes princípios, por sua vez, o homem os retira das coisas sensíveis. Isto significa que as ciências especulativas não podem conduzir o homem para além do que pode levá-lo a experiência das coisas sensíveis. Ora, por mais que as coisas sensíveis nos possam elevar até Deus, elas não nos podem dar a conhecer a essência divina, na qual consiste a bem-aventurança perfeita, pois a virtude divina excede infinitamente aos seus efeitos: “Por esta razão, a partir do conhecimento das coisas sensíveis, não se pode conhecer todo o poder de Deus, nem por conseguinte ver sua essência”¹⁷. Assim, a felicidade completa do homem não se encontra em nenhum bem

¹⁶ *Idem. Ibidem.* I-II, 3, 5, C.

¹⁷ *Idem. Ibidem.* I, 12, 12, C.

sensível. Logo, o conhecimento que logramos a partir das coisas sensíveis não nos pode levar à aquisição da verdadeira bem-aventurança.¹⁸

Ademais, o inferior não pode tornar perfeito o superior, salvo se este inferior participar do que seja superior. Por exemplo, a pedra que cai é um bem inferior ao homem. No entanto, o conhecimento que dela podemos obter nos aperfeiçoa, e isso é possível porque a pedra participa de um bem superior a ela própria e ao intelecto humano que aperfeiçoa, a saber, a pedra, como todos os bens criados, participam do Bem Soberano, que imitam ao seu modo.¹⁹ Se assim é, a ciência que obtemos a partir do conhecimento sensível só nos pode dar uma perfeição relativa e uma felicidade imperfeita. Entretanto, já é uma forma de felicidade, porque da mesma forma que os bens finitos representam o bem infinito, também a contemplação destes não deixa de ser uma forma de participação, ainda que imperfeita, naquela contemplação que nos fará bem-aventurados. E' como arremata Tomás:

Mas, como nas formas sensíveis há alguma participação na semelhança das substâncias superiores, assim a consideração das ciências especulativas é uma certa participação da verdadeira e perfeita bem-aventurança.²⁰

4.1. A bem-aventurança consiste na contemplação da essência divina

De tudo isso se pode inferir que a perfeição última do homem, a bem-aventurança perfeita, não lhe é acessível nesta vida. A consecução desta se encontra para além desta existência. A bem-aventurança do homem só se pode encontrar na visão de Deus.

¹⁸ *Idem. Ibidem.* I-II, 3, 6, C: “A perfeita bem-aventurança, portanto, não pode consistir essencialmente na consideração das ciências especulativas. Para evidenciar isto, deve-se ter em mente que a consideração da ciência especulativa não vai além dos princípios desta ciência, porque nos princípios da ciência está contida virtualmente toda a ciência. Ora, os primeiros princípios das ciências especulativas são recebidos pelos sentidos [...]. Por isso, a completa consideração das ciências especulativas, não pode ir além daquilo a que o conhecimento sensitivo possa conduzir. Mas, no conhecimento sensitivo não pode consistir a última bem-aventurança do homem que é a última perfeição do homem.”

¹⁹ *Idem. Ibidem:* “Ademais, uma coisa não é aperfeiçoada por algo inferior, a não ser que neste inferior haja alguma participação do superior. É claro que a forma da pedra, ou de alguma coisa sensível é inferior ao homem. Daí que pela forma da pedra enquanto tal, não será aperfeiçoado o intelecto do homem, mas enquanto nela há participação de alguma semelhança com algo que está acima do intelecto humano, ou seja, a luz inteligível, ou coisa semelhante. Pois, tudo aquilo que é por outro, reduz-se àquilo que é por si.”

²⁰ *Idem. Ibidem.*

Para entendermos esta conclusão, devemos considerar alguns princípios. Em primeiro lugar, o homem nunca poderá ser perfeitamente feliz enquanto lhe restar algo por desejar. E o que o homem deseja enquanto tal é conhecer o objeto próprio do seu intelecto: a essência ou quiddidade das coisas sensíveis. Suponhamos que conhecemos a essência de determinada coisa. Ao nos depararmos com a sua contingência, deduzimos a existência de sua causa. Contudo, ainda não nos encontramos satisfeitos, visto que, conhecendo a existência da causa, não conhecemos ainda a sua essência. É justamente a inquietação natural por conhecer a natureza da causa, que fez com que os homens começassem a filosofar. Assim, conhecendo a essência dos seres sensíveis, chegamos à conclusão de que a totalidade das coisas, isto é, o universo, é ele próprio um efeito que possui uma causa universal que o ultrapassa. Todavia, conhecendo a existência de uma causa universal de todas as coisas [Deus], não conhecemos, pela nossa razão, a sua essência. Por isso, resta-nos o desejo natural de conhecê-la ou ao menos de buscá-la. De fato, embora saibamos que Deus existe e que nEle consiste a nossa bem-aventurança, posto que é o único que pode aquietar o nosso desejo de conhecer o bem e fruir dele, não conhecemos a sua essência. Sendo assim, é somente no conhecimento da essência divina que o homem poderá encontrar a perfeição última da sua natureza. Na apreensão desta essência, isto é, na sua contemplação, é que reside o bem mais elevado do homem, a sua perfeita bem-aventurança. Raciocina o Aquinate:

Ora, se o intelecto humano, conhecendo a essência de algum efeito criado, não conhece de Deus senão *se ele existe*, sua perfeição ainda não atingiu absolutamente a causa primeira. Permanece ainda nele o desejo natural de investigar a causa. Por isso, ainda não é perfeitamente bem-aventurado, pois, para a perfeita bem-aventurança, requer-se que o intelecto atinja a essência mesma da primeira causa. Assim sendo, terá a sua perfeição na união com Deus como seu objeto, e só nisto consiste a bem-aventurança do homem, como acima foi dito.²¹

Agora bem, é impossível que, pelas suas próprias faculdades naturais, o homem conheça a essência divina em si mesma. Com efeito, o conhecimento se realiza quando o conhecido está naquele que conhece. E o conhecido encontra-se naquele que conhece segundo o modo de ser do cognoscente. Desta feita, quando o cognoscível ultrapassa a natureza do cognoscente, não pode haver conhecimento. Ora, o objeto próprio do intelecto humano é a

²¹ *Idem. Ibidem.* I-II, 3, 8, C. Vide: *Idem. Ibidem.* I, 12, 1, C: “O homem, quando vê um efeito, tem o desejo natural de conhecer sua causa. É daí que nasce entre os homens a admiração. Se então o intelecto da criatura racional não pode alcançar a causa primeira das coisas, um desejo natural vai permanecer vão. Portanto, deve-se conceber que os bem-aventurados vêm a essência de Deus.”

essência das coisas sensíveis, não enquanto estão na matéria, mas enquanto são abstraídas dela. Porém, Deus não se encontra de forma alguma imerso na matéria, mas é o próprio ser subsistente. Logo, é impossível que, por suas faculdades naturais, o homem ou qualquer intelecto criado, possa receber a essência divina, pois esta lhe ultrapassa infinitamente a natureza. Esclarece Tomás:

Por conseguinte, conhecer o próprio ser subsistente [*ipsum esse subsistens*] é conatural apenas ao intelecto divino, e ultrapassa as faculdades naturais de todo intelecto criado; porque nenhuma criatura é seu próprio ser, mas tem um ser participado. Assim, o intelecto não pode ver a Deus em sua essência, a não ser que Deus, por sua graça, se una ao intelecto criado como inteligível a ele.²²

Consistindo a bem-aventurança do homem em algo que o transcende, esta bem-aventurança, sobrenatural por essência, não se lhe opõe à natureza. Na verdade, é pouco dizer que a bem-aventurança sobrenatural não se opõe à natural, urge aduzir que entre ambas há uma continuidade. A beatitude natural está para a sobrenatural como o imperfeito para o perfeito. Ela não é senão uma participação na felicidade sobrenatural. Como corolário disto, segue-se que não somos infelizes neste mundo para sermos felizes no outro. A felicidade não é uma quimera relegada a uma vida futura. Somos já felizes neste mundo, embora imperfeitamente, e seremos felizes em plenitude no outro. Em verdade, nem sequer se pode dizer, com todo o rigor, que existam duas felicidades. A falar com máxima exação, a felicidade desta vida não é senão uma imitação, decerto imperfeita, mas real, da felicidade plena que teremos na visão da glória. Gilson arrola as seguintes considerações:

Esta bem-aventurança, transcendente ao homem e à natureza, não é, sem embargo, um termo adventício imaginado para fazer concordar a moral com a religião; entre a bem-aventurança terrena, que nos é acessível aqui embaixo, e a bem-aventurança celestial à que somos chamados, há um íntimo acordo e quase uma continuidade. O fim último não é uma negação de nossos outros fins humanos, senão que, ao contrário, os recolhe sublimando-os, e nossos fins humanos são, por sua vez, como outras tantas imitações parciais e substitutos imperfeitos de nosso fim último.²³

²² *Idem. Ibidem.* I, 12, 4, C

²³ GILSON. *Op. Cit.* pp. 447 e 448.

Desta sorte, os bens do corpo que buscamos, não os buscamos senão porque, por meio deles, o nosso corpo é sustentado. Ora, isto é necessário, haja vista que a participação na bem-aventurança que podemos lograr nesta vida passa pelo corpo. O mesmo se pode dizer de todos os demais bens exteriores: a fortuna e outras riquezas. A aquisição delas permite-nos dedicar aos lazes da contemplação, porquanto é por esta última que também participamos da bem-aventurança nesta vida. Neste sentido, Étienne chega a dizer:

Ainda quando o homem vê a Deus cara a cara na visão beatífica, ainda quando sua alma chega a semelhar-se a uma Inteligência separada, sua bem-aventurança não é a de uma alma separada do corpo. Encontramos o composto até na glória do céu.²⁴

Por conseguinte, conquanto a beatitude do homem se concretize na sua atividade mais elevada, ou seja, no bem e na perfeição do seu intelecto, isto não significa que estejamos falando de uma felicidade exclusiva da alma, pois o homem não é a sua alma, mas resulta da união substancial de corpo e alma. Nesta vida, o corpo, submisso à alma, é um elemento indispensável para que o homem alcance a felicidade imperfeita. Na glória, será a alma que lhe dará o triunfo, paga de toda uma vida dedicada a ela, transfigurando-o e fazendo-o participar da sua espiritualidade e incorruptibilidade. Desta forma, a alma não poderá ser plenamente feliz, nem mesmo na pátria, se não estiver unida ao seu corpo. É o que Gilson pondera:

Antes da bem-aventurança, o corpo é o ministro da alma e o instrumento das operações inferiores que nos facilitam seu logro; durante a bem-aventurança, ao contrário, a alma é que recompensa ao seu servidor, lhe confere a incorruptibilidade e o faz participar de sua imortal perfeição.²⁵

Assim, a bem-aventurança para Tomás é uma bem-aventurança verdadeiramente humana e não a bem-aventurança de um espírito puro, uma vez que esta beatitude do homem é a beatitude de um ser composto de corpo e alma. Beatificados serão alma e corpo, porquanto beato será o homem total:

Assim o tomismo continua a natureza no sobrenatural, já que depois de haver assinalado a descrição do homem total e não da alma humana

²⁴ *Idem. Op. Cit.* p. 448.

²⁵ *Idem. Op. Cit.*

como objeto imediato da filosofia, define o destino do homem total e não simplesmente o da alma humana. A bem-aventurança do homem cristão, tal qual a concebe Santo Tomás, é a bem-aventurança do homem total.²⁶

Passemos às considerações finais deste artigo.

Conclusão

Todas as criaturas possuem um só e mesmo fim último: Deus. Entretanto, cada uma alcança este fim consoante a sua natureza. O homem o alcança através de um ato do intelecto especulativo. Tal ato consiste na contemplação da própria essência divina. E', pois, neste ato que reside a felicidade última do homem, do qual todos os demais atos são apenas uma participação imperfeita.

Agora bem, o fim último do homem, bem se vê, ultrapassa-lhe a natureza, pelo que ele só poderá atingi-lo mediante a graça divina. Sendo assim, o fim último do homem, e a sua felicidade derradeira, não se encontram nesta vida. De fato, nem a posse dos bens do corpo, nem os da alma podem aquietar a sua vontade e saciar a sua sede de conhecimento. Nesta terra, o homem só pode lograr uma beatitude imperfeita, pela contemplação dos efeitos de Deus, as criaturas que se assemelham.

Sobrenatural em sua essência, o fim último do homem não lhe é contrário à natureza. Embora, primordialmente, um ato do intelecto especulativo, a beatitude última do homem não é a de um espírito puro. Coroada na glória, a alma fará o corpo participar da palma do seu triunfo, espiritualizando-o e tornando-o incorruptível com ela.

²⁶ *Idem. Op. Cit.* p. 449.

BIBLIOGRAFIA

GILSON, Etienne. **El Tomismo: Introducción a La Filosofía de Santo Tomás de Aquino.** Trad. Alberto Oteiza Quirno. Buenos Aires: Ediciones Desclée de Brouwer, 1951.

TOMÁS DE AQUINO. **Questões Disputadas Sobre a Verdade.** In: LAUAND, Luiz Jean; SPROVIERO, Mario Bruno. **Verdade e Conhecimento.** Trad. Luiz Jean Lauand e Mario Bruno Sproviero. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Suma Contra os Gentios.** Trad. Odilão Moura e Ludgero Jaspers. Rev Luis A. De Boni. Porto Alegre: EDPUCRS, 1996. 2 v.

_____. **Suma Teológica.** Trad. Aimom- Marie Roguet et al. São Paulo: Loyola, 2001.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.